

## UM OLHAR SOBRE OS DESAFIOS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NO SERTÃO ALAGOANO

Geovania Graça da Silva; Silvan dos Santos; Eva Pauliana da Silva Gomes

*Universidade Federal de Alagoas- Campus do Sertão; e-mail: geovania15@live.com;  
prsilvan30@hotmail.com; e.pauliana@gmail.com*

**Resumo:** O presente trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida na disciplina Alfabetização e Letramento do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão - Delmiro Gouveia. Esta pesquisa foi realizada numa escola pública municipal situada na cidade de Mata Grande - AL, tendo como público alvo uma turma de terceiro ano do ensino fundamental I. A pesquisa foi de cunho qualitativo e contou com uma entrevista semiestruturada com uma professora da rede pública de ensino, com base na prática alfabetizadora e no desenvolvimento de seus alunos, quanto a alfabetização, e análise de algumas atividades de dois alunos. Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral analisar os limites, as dificuldades e os desafios do professor alfabetizador nos dias atuais. Os resultados mostraram que as dificuldades encontradas estão consolidadas no método do ensino tradicional, além disso, conseguimos perceber a necessidade de implementação de políticas públicas no processo de formação continuada para o alcance da boa qualidade do ensino/aprendizagem, podemos destacar também que a problemática em torno das dificuldades de alfabetização não parte apenas do pressuposto de um bom profissional da educação, mas também de todo contexto social, no qual os alunos estão inseridos, pois a escola não funciona como parte excluída da sociedade, e esses fatores sociais se aglomeram em dificuldades na prática do professor alfabetizador. Desse modo, compreende-se que a educação brasileira e principalmente, a educação alagoana, necessita de práticas inovadoras no processo de ensino e aprendizagem sobre a alfabetização, pois diante do estudo foi possível perceber a fragilidade do processo de formação continuada para os docentes alfabetizadores.

**Palavras-chave:** Desafios do alfabetizador, alfabetização, formação de professor.

### 1. INTRODUÇÃO

A alfabetização vem passando desde seus primórdios por reinterpretações, resultando em adaptações de determinada época, o que cobra da instituição escolar uma mudança pragmática, muda-se o currículo, muda-se os métodos, muda-se os paradigmas, acarretando uma série de modificações que gera tanto a dificuldade de se adequar ao novo quanto a resistência por parte de profissionais da educação.

Para entender esse processo é importante a escuta do professor alfabetizador, para entender quais seus desafios, quais suas dificuldades, como ele organiza/estrutura sua rotina e planejamento para sala de aula, o seu envolvimento e participação na construção do planejamento escolar em um todo e a sua formação exigida para atuação do profissional.

A escola passa por uma série de dificuldades, e uma destas é a alfabetização, como alfabetizar, quais métodos serão utilizados, como despertar ao estudante o gosto pela escola, pela leitura, pelo saber, o desejo de aprender, a responsabilidade

que sempre pesa para o professor, e por vezes o não envolvimento da família neste processo. Nisto, nosso objetivo é identificar de forma parcial as dificuldades e desafios do professor alfabetizador numa realidade do sertão alagoano.

Pensando nesta série de dificuldades, fizemos uma pesquisa, numa escola pública municipal, pesquisa feita numa turma de terceiro ano do ensino fundamental I, a análise da pesquisa foi realizada nos cadernos de dois alunos, em processos diferentes de alfabetização, além disso, uma entrevista semiestruturada com a professora da turma, sobre os seus desafios, formação, participação na construção de planejamento e seu olhar sobre a temática alfabetização.

Seguindo esta perspectiva, lançamos o olhar de forma parcial, para o terceiro ano do ensino fundamental I, pois como nos traz o PNAIC (Pacto Nacional de Alfabetização na idade certa), o aluno deve estar alfabetizado até o terceiro ano de ensino fundamental I com 8 (oito) anos de idade, visto que a turma observada conforme o Pacto já deveria estar alfabetizada, mas diante dos desafios e dificuldades encontrados na sociedade brasileira atualmente há um grande número de crianças que mesmo frequentando a escola no terceiro ano ainda não estão alfabetizados.

## **2. Um olhar aos desafios do professor alfabetizador**

A alfabetização e letramento é um processo concomitante, que sempre foi preciso para formar alunos com diversas habilidades, mas há pouco tempo começou a ser estudada, o que reflete na resistência aos profissionais da educação em aderir a novos métodos de alfabetizar, uma alfabetização, além da codificação e decodificação, mas uma alfabetização que esteja acompanhada do letramento:

[...] no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional da escrita- a *alfabetização*- e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita- o *letramento*. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se *no contexto de e por meio de* práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema- grafema, isto é, dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p. 14)

Desta forma, podemos dizer que quando esses dois processos ocorrem de forma simultâneas as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento para o aluno são bem maiores, pois ele verá que poderá aplicar o que estuda na sua vida

fora da escola, bem como trazer o que ele vive fora da escola para sala de aula. Os professores precisam contemplar esses processos de forma que estimulem nos alunos o gosto pelo saber, porém para que isso se proceda é necessária uma formação desses profissionais para que o ensino escolar produza resultados na aprendizagem e ação dos alunos.

A formação de professores nem sempre indica a qualidade de ensino e um bom desenvolvimento dos alunos, para compreender as práticas e desafios do professor faz-se necessário uma análise da fala de professores alfabetizadores, que apresentaram desafios e dificuldades do seu trabalho. Preocupado com a alfabetização o MEC formula o PNAIC<sup>1</sup> (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) com intuito de promover a alfabetização da criança até os 8 anos de idade, o que visa a formação continuada dos profissionais, principalmente aqueles que sentem dificuldades em alfabetizar:

Formação Continuada de Professores Alfabetizadores: Curso presencial de 2 anos para os professores alfabetizadores, com carga horária de 120 horas por ano, com base no programa Pró-Letramento, cuja metodologia propõe estudos e atividades práticas. Os encontros com os professores alfabetizadores serão conduzidos por orientadores de estudo. (BRASIL, 2012, p.12)

A formação continuada além de ser um dos requisitos do PNAIC, é uma obrigatoriedade conforme a LDB (9394/96), portanto para além de ser precisa ela é obrigatória. Devendo assim os profissionais da educação além de ter uma formação inicial exigida, por prioridade devem estar sempre envolvidos em formação continuada.

É enorme a preocupação da escola em alfabetizar, que por vezes esquece o porquê, para quê e quem alfabetizar, a preocupação em ter um bom índice de aprendizagem, desvia do olhar ao aluno e o sentido do ensino e aprendizagem, visto que é muito cobrado um bom ensino, porém é escassa a formação ofertada pelo estado/município. O pacto em contraponto a realidade direciona que:

[...] Em primeiro lugar, é fundamental contar com professores alfabetizadores bem preparados, motivados e comprometidos com o desafio de orientar as crianças nesta etapa da trajetória escolar. Um segundo fator importante é a disponibilidade de materiais didáticos e pedagógicos apropriados e que estimulem a aprendizagem, tais como livros didáticos, paradidáticos, obras de literatura, jogos e mídias variadas. Todavia, não basta dispor desses materiais, é fundamental que os professores saibam manuseá-los e extrair dos conteúdos o máximo de possibilidades para

---

<sup>1</sup> O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental (BRASIL, 2012)

dinamizar as aulas e alcançar os objetivos da alfabetização em cada ano.  
(BRASIL, 2012, p. 20)

Dois fatores imprescindíveis que podemos destacar aqui são duas condições, primeiro que o profissional precisa estar motivado e preparado, segundo que a escola precisa disponibilizar materiais didáticos para o bom desempenho do profissional, uma questão aqui que podemos trazer e que norteará a leitura posterior é que se não temos uma boa formação que possibilite condições e motivações aos profissionais, bem como a disponibilidade de materiais didáticos. Logo, indagamos: Como então exigir do profissional bons resultados, e que eles saibam dinamizar a aulas? Seria um tanto que contraditório esta realidade na educação brasileira, muito é prometido, muito se é cobrado aos profissionais, porém pouco se é investido, daí nascem algumas das principais dificuldades dos profissionais da educação.

### **3. Procedimentos Metodológicos**

Para consecução dos nossos objetivos atribuímos caráter qualitativo, que tem a observação como um dos seus requisitos de coleta de dados e explora as características que não podem ser numericamente descritas (MOREIRA, 2008), assim dividimos em duas fases a coleta de dados, a primeira está direcionada a uma pesquisa semiestruturada com uma professora do terceiro ano do ensino fundamental I, numa escola situada em Mata Grande, na qual buscamos identificar para além da formação da professora, métodos utilizados por ela para o desenvolvimento e aprendizagem de seus alunos em torno da alfabetização e do letramento.

A segunda fase está direcionada observação da turma e análise em cadernos de dois alunos da turma da professora entrevistada, assim buscamos identificar o nível que essas crianças se encontram de acordo com a psicogênese da escrita conforme Ferreiro (2008). O referencial teórico utilizado parte dos estudos de autores como Soares (2004), Santos (2011), Melo (2011), Moreira (2008), além destes foram consultados leis e documentos nacionais, a saber: o PNAIC (Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa), o PCN (Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa) e a LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) entre outros, os quais ampliaram nosso olhar na perspectiva da alfabetização.

### **4. Resultados e discursões**

A professora entrevistada é pedagoga com especialização em Alfabetização e Letramento, têm dez anos de docência, ela afirma conhecer o PNAIC, e o avalia nas seguintes palavras *“trabalho com ele, ele possibilita uma formação melhor e leva a ver a aprendizagem de outra maneira.”*. É perceptível na sua fala o conhecimento sobre o PNAIC, porém em momento algum ela cita ter participado do curso do Pró-Letramento, ou de outras formações referentes, no entanto ao perguntar sobre formação continuada sua resposta é referente a formações disponibilizadas pelo estado *“sim, alfabetização solidaria, educação contextualizada, são formações disponibilizadas pelo estado como bolsas.”*. A formação precisa e que deveria ser ofertada nem sempre é a recebida pelos professores, o que resulta numa formação deficiente e num ensino fragmentado.

É saliente a falta desses fatores e como essa falta gera dificuldade na atividade do profissional. Ao perguntar o professor sobre os incentivos oferecidos pela escola para a formação dos professores alfabetizadores, em resposta a isto a professora diz: *“uma capacitação antes de iniciar as aulas, e uma jornada pedagógica com duração de uma semana”* iniciativas essas, que gera no professor um alerta ao seu trabalho, porém a professora não cita uma continuidade e acompanhamento dessas formações no decorrer do ano letivo.

Com as mudanças pragmáticas na alfabetização geram no professor alfabetizador dificuldades em alfabetizar e em desenvolver atividades que superem as práticas tradicionais. Outra dificuldade enfrentada é a questão da turma diversificada, alguns alunos não sabem ler no terceiro ano do ensino fundamental, o que se torna um desafio para o professor preparar atividade diferenciada para estes. Na turma da professora entrevistada são ensinados quarenta alunos, destes oito não são alfabetizados. Diante disso, ela afirma: *“alunos que não tem leitura, escreve o que está no quadro, a resistência em não querer, a falta de participação dos pais”* em resposta à pergunta: *“ quais as dificuldades são encontradas em sala de aula no que diz respeito à alfabetização dos alunos? ”*. Uma boa formação continuada possibilitaria ao professor saber lidar simultaneamente com esses alunos, o que não significa dizer que acarretaria o fim das dificuldades, porém se a formação ofertada pelo pacto fosse desenvolvida com prevista, as dificuldades diminuiriam, e a professora saberia melhor lidar com esses alunos.

É preciso entender que o sentido da alfabetização e do letramento não está apenas na finalidade do ler, escrever e interpretar, mas sim nas capacidades

que as crianças desenvolverão a partir destas práticas, pois ler e escrever não faz parte da natureza da criança, mas sim é uma invenção do homem que possibilita a sociedade uma comunicação. Por isso a importância de contextualizar este ensino, a partir das práticas de letramento. Em consonância a isso o PCN de língua portuguesa frisa que:

A conquista da escrita alfabética não garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir textos em linguagem escrita. Essa aprendizagem exige um trabalho pedagógico sistemático. Quando são lidas histórias ou notícias de jornal para crianças que ainda não sabem ler e escrever convencionalmente, ensina-se a elas como são organizados, na escrita, estes dois gêneros: desde o vocabulário adequado a cada um, até os recursos coesivos que lhes são característicos. Um aluno que produz um texto, ditando-o para que outro escreva, produz um texto escrito, isto é, um texto cuja forma é escrita ainda que a via seja oral. Como o autor grego, o produtor do texto é aquele que cria o discurso, independentemente de grafá-lo ou não. Essa diferenciação é que torna possível uma pedagogia de transmissão oral para ensinar a linguagem que se usa para escrever. (BRASIL, 2012, p. 27-28)

A alfabetização tende a ser uma reinterpretação do mundo real da criança, há uma necessidade que não é para ser exceção e sim regra. É necessário proporcionar a criança meios de alfabetização designados com significados e sentidos, não apenas codificar e decodificar, mas interpretar. Para que o processo de ensino aconteça é preciso uma avaliação, para entender qual o nível do aluno, quais suas dificuldades, e quais os problemas que impedem o aluno de aprender o que é esperado.

Analisando as imagens a baixo podemos destacar que o aluno da figura número 1 se encontra no nível Silábica-alfabética “a criança apresenta uma escrita algumas vezes com sílabas completas e outras incompletas. Ou seja, ela alterna escrita silábica com escrita alfabética, pois omite algumas letras.” (FREIRE, 2012, p.3), conforme a fala da professora este aluno só reproduz o que está escrito no quadro, mas não consegue ainda identificar palavras. Já o aluno da figura 2 identificamos que está no nível de escrita alfabética, pois “[...] atinge a compreensão de que as letras se articulam para formar palavras. Escreve como fala, ou seja, vê a escrita como transcrição da fala, não enxergando as questões ortográficas.” (FREIRE, 2012, p.4). Segue abaixo algumas fotos que retratam o desenvolvimento de duas crianças que cursam a mesmo ano escolar:

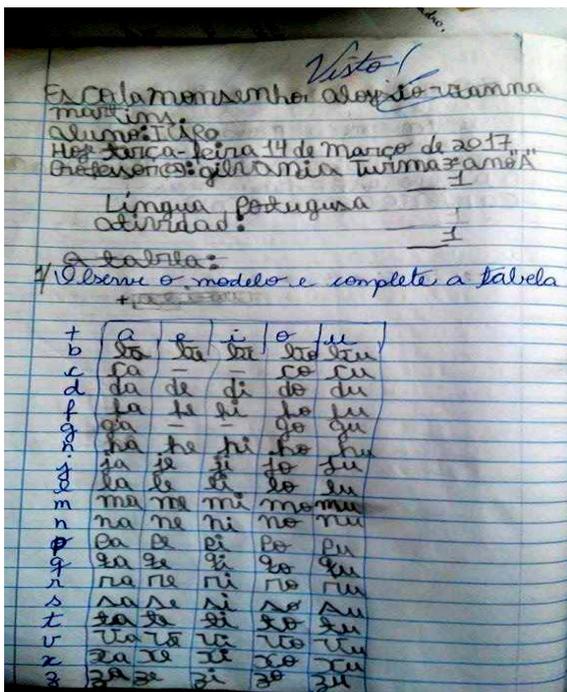


Figura 1 criança não alfabetizada

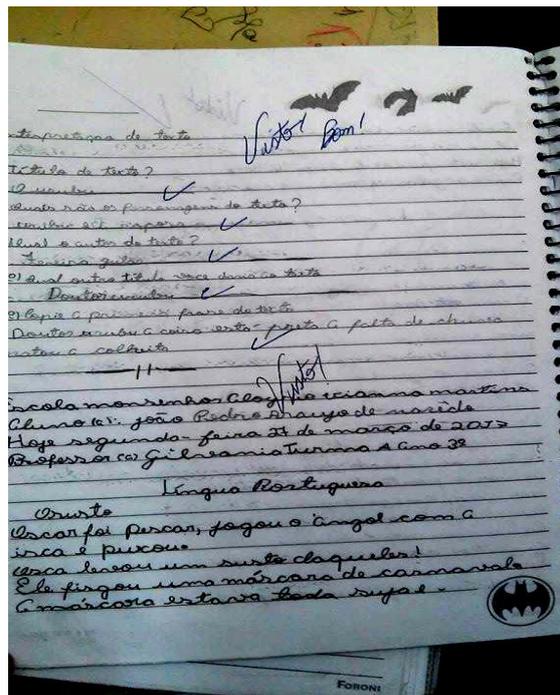


Figura 2 criança alfabetizada

Como podemos perceber existe uma evolução maior no desenvolvimento da criança da figura número dois. As letras são bem mais cursivas e legíveis. E a partir dessa constatação, ficamos a pensar se o professor que alfabetizou essas duas crianças teve alguma especialização na área de alfabetização e letramento. Com isso, não queremos dizer que toda a responsabilidade está sobre o professor, mas queremos analisar a importância do professor alfabetizador.

No entanto, queremos fazer uma observação dessas duas crianças acerca da aprendizagem que elas apresentam. A criança da figura 1, que de forma perceptível demonstra bastante dificuldade na escrita. Mas, essa criança segundo a professora tem demonstrado dificuldade não só no campo da escrita, como também comportamental. E a causa encontrada é a separação de seus pais que de forma marcante tem influenciado em todo o seu desenvolvimento. Ou seja, o meio em que a criança está inserida tem influenciado todo seu desenvolvimento em sala de aula.

Dessa forma, podemos compreender que o meio pode determinar na alfabetização e letramento na vida da criança e o professor alfabetizador deve levar em consideração essa realidade apresentada pelos alunos nos espaços educacionais.

## 5. A Importância do Professor Alfabetizador

O aluno vive num lugar amplo, que não se resume apenas à escola, e o que ele aprende fora da escola ele leva para dentro, sustentando a ideia de que a escola seja um complemento do seu cotidiano, que o ensine competências e habilidades que ele possa desenvolver, pensando nisso a educação passa por essa reinterpretação do que será ensinado, para quem e como, nestas *práxis* mudando assim seus paradigmas e assumindo novas metodologias.

Para o aluno o mundo da escrita é algo novo, e não é da noite para o dia que ela aprenderá a ler e entender o sentido das palavras e textos, quando ele chega na escola recebe uma série de conteúdos que não encontra sentido algum, antes mesmo de ensinar o aluno a ler e escrever, é necessário que ele entenda o porquê e para quê. Uma alfabetização ofertada a partir do ensino de gêneros textuais

De acordo com Santos (2011, p. 83),

A escola acaba disponibilizando para o aluno atividades de aquisição da escrita que desconsideram as condições enunciativas próprias do funcionamento da língua. Por que ensinar mecanicamente as letras do alfabeto, a separação de sílabas de determinadas palavras, se os alunos ainda se encontram no processo inicial de aquisição escrita?

O aluno precisa encontrar sentido entre a língua escrita e a língua pronunciada, em termos ele precisa além de decodificar, interpretar. Limitar a criança a ideia de que a escola é para aprender a ler e escrever, é mostrar a ela que a escola não é lugar para ela, a criança precisa ver na escola um lugar que ela se identifica, um lugar feito para ela, o planejamento feito pensando nela como protagonista da sua educação, e não feito para a comodidade do professor.

Antes de falamos do professor alfabetizador, consideramos importante falamos dos métodos de alfabetização no Brasil entre os anos 1890 a 1970. De acordo com Terezinha, a discussão a respeito da alfabetização limitava-se aos métodos e sua eficácia. Eles estavam divididos em dois grupos: os sintéticos e os analíticos.

Os métodos sintéticos seguem a marcha que vai das partes para o todo. Dentre eles compreendem-se (I) o método alfabético, que toma a letra como unidade de estudo, (II) o fônico, que toma o fonema como unidade e (III) o silábico, que toma a sílaba como foco inicial. Nos referidos métodos, o que se ensina é o sistema alfabético/ortográfico de escrita com sua lógica de representação, de organização e combinatórias. [...] O segundo grupo são os métodos analíticos, cujo processo de ensino vai do todo para as partes. Estes métodos privilegiam a

compreensão, ou seja, o reconhecimento global como estratégia principal e não a decifração. Tomam como unidade de estudo as palavras, as frases ou os textos para, posteriormente, realizar a análise das unidades menores. A leitura silenciosa e a cópia são atividades incentivadas e frequentes em salas de aula que utilizam estes métodos. (SANTOS, 2011, p.19)

Para o professor alfabetizador ter bom êxito na tarefa de alfabetizar, faz-se necessário conhecer as formas de alfabetização. Esse conhecimento acerca dos métodos para alfabetizar as crianças, será para eles muito importante na escolha de qual método utilizar com os alunos que estão com eles diariamente. Ou seja, a partir do conhecimento dos métodos e dos alunos o professor alfabetizador poderá alfabetizar seus alunos de acordo com o método mais eficaz.

Mas, também sabemos que realidade de muitas escolas pelo Brasil não oferece condições para esses profissionais desempenharem suas atribuições. Ou seja, além de enfrentarem as piores condições estruturais, tem que enfrenta desafios sociais, psicológicos que diariamente as crianças apresentam que por sua vez, são vítimas de uma péssima estrutura familiar que de fato esses problemas influenciam o cotidiano tanto dos alunos como dos professores alfabetizadores. Diante dessa dura realidade o que fazer para alfabetizar essas crianças?

Acreditamos que para o professor alfabetizador ser assertivo no seu papel, o mesmo precisa levar todo esse contexto em consideração. Driblando os obstáculos, compreendendo o contexto social das crianças que estão com eles diariamente, mesmo sabendo que são maus remunerados e desvalorizados pelos governantes. Sabemos que o professor alfabetizador é muito importante para a educação brasileira.

## **6. Considerações finais**

Refletimos acerca dos desafios atuais do professor alfabetizador no Brasil, especificamente no sertão alagoano. Percebemos que os desafios são grandes para esses profissionais, pois muitas vezes os professores estão desanimados, desvalorizados pela estrutura governamental, não tendo estruturas adequadas para o exercício de sua profissão. Mas, acreditamos que apesar de tantas dificuldades enfrentadas pelo professor educador, temos visto muitas iniciativas inspiradoras acerca da alfabetização dos alunos em todo o Brasil.

No entanto, sabemos que muito ainda está por ser feito pela educação em todo território nacional. Entre essas mudanças que acreditamos ser necessária, defendemos a

valorização do professor educador, pois, esse profissional é de fundamental importância para o processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, compreendemos que o alcance de mudanças na educação brasileira pode ser efetivado com a implementação de políticas públicas, as quais sejam destinadas para a formação contínua do professor alfabetizador.

## 7. Referências

BRASIL, **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. – 11. Ed. – Brasília: câmara dos deputados, Edições Câmara, 2015. – (Série Legislação; n. 159)

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Livro Disponível em: [http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto\\_livreto.pdf](http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto_livreto.pdf). Acesso em 10 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. B823p **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : 144p.

FREIRE, Ângela. Contribuições teóricas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Disponível em : [portal.educacao.salvador.ba.gov.br](http://portal.educacao.salvador.ba.gov.br). Acesso em: Mar 2017.

MELO, Terezinha Toledo Melquiades de. **A alfabetização na perspectiva do letramento: a experiência de uma prática pedagógica no 2º ano do ensino fundamental**, Juiz de Fora 2012.

MOREIRA, Heveto; CALLEFEE, Luiz G. (2008). Classificação da pesquisa. IN: \_\_\_\_\_. **Metodologia da pesquisa para o professor**. Rio de Janeiro: Lamparino, p. 69-93.

SANTOS, Eliene Estácio, **Alfabetização: o texto no processo inicial de aquisição da escrita**. IN: \_\_\_\_\_. Produção de textos na escola: percursos da relação entre o sujeito e a língua(gem)/ organizado por Adna de A. Lopes, Regina Lúcia B. da Silva e Quitéria P. de Assis.-Maceió: Edufal, 2011.

SOARES, Magda, **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, outubro de 2003.